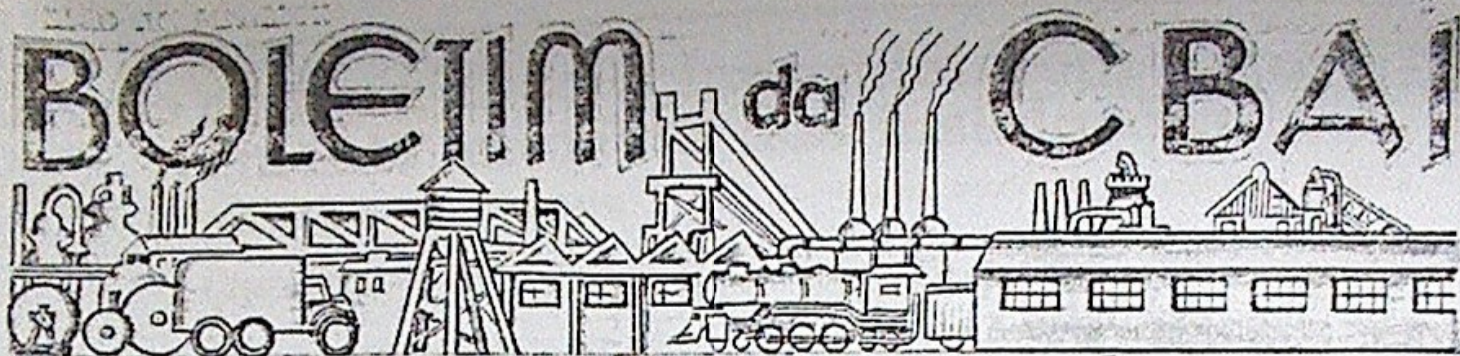


BOLETIM da CBAI



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Vol. XV

AGOSTO — 1961

N.º 6

ADMINISTRAÇÃO DA CBAI

Superintendente: Dr. Armando Hildebrand.

Chefe da Delegação Americana: Dr. Arthur

— F. Byrnes.

ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 8.º andar.

Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil.

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.

Diretor Técnico Americano: Alton D. Hill.

ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba

Av. 7 de Setembro esq. Westfalen.

Curitiba — Paraná — Brasil.

SUMÁRIO

EDITORIAL:

A Co-Educação nas Escolas Industriais.

NOTICIÁRIO:

Estudo de uma Escola Industrial com aproveitamento máximo das instalações.

Duque de Caxias.

Comissão da Ford Motor do Brasil S. A. em visita à Escola Técnica de Curitiba.

Planejamento de Cursos de Aperfeiçoamento em S. Paulo.

O Valor da Recreação Orientada.

Palestras proferidas aos alunos do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores.

Economia Doméstica.

Colégio Militar de Curitiba em visita à ETC.

Personalidades de relevo do Povo IV em Curitiba.

Divagações Linguísticas.

Auxílios áudio-visuais.

Tarefas, fator de relevante importância em Artes Industriais.

Comissão de Planejamento de Escolas da Rede Estadual de São Paulo.

EDITORIAL:

A CO-EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS INDUSTRIAIS

Durante muitos anos a Co-Educação foi um problema muito debatido pelos educadores com opiniões diversas sobre o ensino ministrado em turmas mistas.

Hoje em dia, com a elevação do nível cultural e a compreensão advinda, os ensinadores chegaram a uma conclusão que os métodos e programas é que devem ser motivos de preocupação para os resultados de suas finalidades.

Alguns educadores chegaram muitas vezes a concluir que o sexo feminino deveria ser ensinado por pessoas do mesmo sexo, a fim de lhe dar certos ensinamentos que, pela natureza dos problemas, o sexo oposto estaria impedido.

Efetivamente, em nossos dias está terminantemente provado o sucesso dos educandos, sejam quais forem a natureza sexual, desde que estejam alunos e professores cômicos e compenetrados no seu mister.

De outro lado, eles devem estar educacionalmente preparados para ministrar aulas, sejam elas de Medicina, Obstetria, etc., desde que a educação sexual seja parte integrante na sua formação personalística.

As escolas deveriam desde cedo ministrar palestras de Educação Sexual, a fim de que todos pudessem marchar em terreno seguro para a meta final.

Somente assim poderão os alunos despreocupados da presença sexual prosseguir os estudos satisfatoriamente.

Poderão ainda em conjunto trocar idéias e viver escolarmente num ambiente de camaradagem, visando única e exclusivamente ao interesse de sua formação profissional.

Estudo de uma Escola Industrial com aproveitamento máximo das instalações

Prof. Ricardo Luiz Knesebeck

INTRODUÇÃO

Uma escola altamente eficiente deve ter suas instalações planejadas em função de:

1. Capacidade prevista (número de alunos matriculados, ou formados).
2. Evasão escolar provável.

3. Cursos, currículos, programas e horários.
4. Possibilidade de aproveitar todas as instalações durante todo o horário escolar.
5. Possibilidade de contratar todos os professores para lecionarem em regime de tempo integral.
6. Flexibilidade de operação.

ESQUEMA DOS CURSOS DE OFICINA

Série	REGIME ESCOLAR	Retenção em séries	4 — Oficinas de Artes Industriais (Elementar) 20 — lugares cada 3 — professores (2 professores cada oficina) 5 — turmas 8 — horas/semana		
1. ^a Série	8 horas/sem 240 alunos 6 turmas 40 alunos		12 turmas 20 alunos cada turma	3 turmas cada oficina	
2. ^a Série	8 horas/sem 160 alunos 4 turmas 40 alunos	2/3	8 turmas 20 alunos cada turma	2 turmas cada oficina	
			Oficina de Trab. em Metal 20 — lugares 2 — professores 4 — turmas de 10 horas/semana	Oficina de Trab. em Madeira 20 — lugares 2 — professores 4 — turmas de 10 horas/semana	Oficina de Artes Industriais Adiantada 20 — lugares 2 — professores 4 — turmas de 10 horas/semana
3. ^a Série	10 horas/sem 120 alunos 3 turmas 40 alunos	3/4	2 — turmas 20 — alunos cada	2 — turmas 20 — alunos cada	2 — turmas 20 — alunos cada
4. ^a Série	10 horas/sem 90 alunos 3 turmas 30 alunos	3/4	2 — turmas 15 — alunos cada	2 — turmas 15 — alunos cada	2 — turmas 15 — alunos cada
Total	610 alunos 32 turmas de oficina	6/20	7 — oficinas 20 — lugares cada uma 14 — professores de prática de oficina 20 — aulas por professor, por semana.		

No esquema se notará

1) Evasão prevista:

	Alunos matriculados	Evasão
1. ^a Série	240	
2. ^a "	160	33%
3. ^a "	120	25%
4. ^a "	90	25%
Total	610	61%

2) Capacidade escolar: $610 + 30 = 640$ alunos
(30 é a evasão na 4.^a série)

3) Taxa de aproveitamento teórica (tôdas as turmas preenchidas), das oficinas:

$$\text{Taxa: } \frac{610}{640} \times 100 = 95\%$$

4) Todos os professores de oficina lecionarão 20 horas/semana.

5) Tôdas as oficinas estarão sempre com alunos em instrução.

6) O esquema de cursos é

- 1.^a série
e Artes Industriais (Elementar)
- 2.^a série
- 3.^a série Trab. em Trab. em Artes Industriais
e ou ou
- 4.^a série Metal Madeira (Adiantado)

(3 cursos de iniciação técnica em três áreas diferentes e igualmente procuradas).

7) A Escola constará de 7 oficinas:

- 4 — Oficinas de Artes Industriais (elementar)
- 1 — Oficina de Artes Industriais (adiantado)
- 1 — Oficina de Trabalhos em Metal
- 1 — Oficina de Trabalhos em Madeira.

8) De acordo com as características das indústrias regionais, poderá variar o tipo de oficina das 3.^a e 4.^a séries (trabalho em Eletricidade, Artes Gráficas, Construção Civil, etc.), sempre dentro do espírito do curso industrial básico.

9) Além das oficinas, a Escola deveria ter, para um regime de 40 horas semanais:

Quantidade	Descrição	Utilização em horas por semana	Horas sem ocupar por semana
1	biblioteca p/leitura c/40 lugares	33	2
7	salas de aula, c/40 lugares	274	6
2	salas de desenho c/40 lugares	76	4
1	sala de canto e música c/40 lugares	32	8
1	praça de esportes c/80 lugares	24	16
1	laboratório de Ciências c/40 lugares	32	3
13	Total	476	44

Resultando a taxa de aproveitamento dessas instalações

$$\text{de } \frac{476}{476 + 44} \times 100 = \frac{476}{520} \times 100 = 91\%$$

Observação: Foi admitida a seguinte distribuição de atividades escolares, por turma:

	1. ^a e 2. ^a séries	3. ^a e 4. ^a séries
	2 horas/semana	3 horas/semana
Leitura e estudo	19 " "	14 " "
Aulas em sala	4 " "	6 " "
Desenho	2 " "	2 " "
Canto e música	3 " "	3 " "
Práticas esportivas	2 " "	2 " "
Prática em laboratório	8 " "	10 " "
Total	40 " "	40 " "

10) Este é um modelo de "escola econômica" (máximo aproveitamento, dentro da evasão escolar admitida), com 3 áreas terminais de curso. Multiplicando todas as quantidades por 2, 3, 4, ... etc., se obterão escolas maiores com idênticas características. Na verdade, seria maior seu rendimento, pois certos custos de instalação se manteriam constantes: depósitos, portaria, inspetoria, orientação, diretoria, etc. Por outro lado, uma escola menor não poderia ser operada sem sacrificar a taxa de aproveitamento de suas instalações, ou seja, sem aumentar o custo de instalação por aluno de capacidade.

11) Na eventualidade das taxas de evasão escolar, se afastarem das indicadas, há as duas alternativas seguintes:

a) Se houver menor evasão escolar do que a prevista: Uma ou mais turmas de Artes Industriais Adiantadas, de 3.^a e 4.^a séries, poderiam ser colocadas em uma das oficinas elementares desta área, reduzindo correspondentemente o número de turmas da 1.^a e 2.^a séries. Na oficina assim escolhida, possivelmente se faria necessário algum equipamento suplementar.

b) Se, pelo contrário, houver maior taxa de evasão, algumas turmas de 1.^a e 2.^a séries poderiam ser colocadas na

oficina de Artes Industriais Adiantadas.

12) Nas turmas de aulas teóricas, o número de 40 alunos por classe, apesar de estar no limite máximo aceito nas boas normas didáticas, se justifica em vista da falta normal de recursos suficientes para financiar a educação no Brasil. Além disso, pelo fenômeno, lamentável mas real, da evasão escolar, decorridos poucos meses do ano letivo, as classes se reduzirão a um número mais recomendável de alunos.

DUQUE DE CAXIAS

Floresceu o altar da Pátria e com Ele rejuvenesceu o desejo de paz e o destemor da guerra, se o ultraje intencional do inimigo for no intuito de destruir o nosso patrimônio Sacrossanto, que é o Brasil.

O Duque de Caxias elevou tão alto o símbolo pátrio que, quando os ventos sopram favoravelmente, conduzem a todas as nações o aroma das flôres que o enfeitam, as palavras de paz, tranqüilidade, a liberdade dentro dos princípios sadios e cristãos da Democracia.

Quantas vezes esse símbolo foi desfraldado em campos de luta, porém jamais humilhado.

O Duque de Caxias não defendia o Brasil tendo em mente a garantia do posto que ocupava, mas sim os sacrossantos direitos da Pátria, conduzindo no coração a chama viva de brasilidade das coisas que nos são caras.

O Brasil não é somente uma área de terra delimitada, mas sim a tradição dos nossos antepassados, do regime democrático, da liberdade de que vive o povo.

E a terra de Caxias e de tantos outros heróis a quem rendemos hoje e sempre os nossos tributos de honra e respeito.

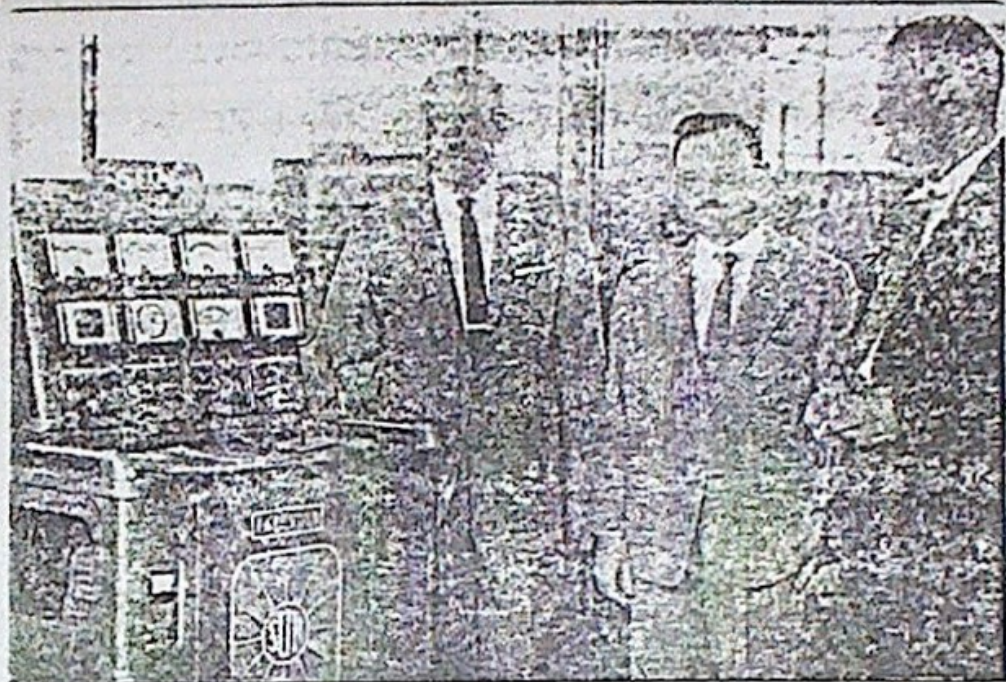
E a terra que será sempre dos brasileiros dignos dos exemplos dêse "Soldado Modelo" e dos seus companheiros de luta na conservação da felicidade, admiração e o respeito que goza o Brasil entre a comunidade internacional. O REDATOR.

COMISSÃO DA FORD MOTOR DO BRASIL S/A. EM VISITA À ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA

☆

Flagrante apanhado por ocasião da visita à secção de Mecânica de Automóveis.

☆



Nos princípios do mês de agosto deste ano, a Escola Técnica de Curitiba teve a satisfação de receber a visita da comissão da Ford Motor do Brasil S/A., composta do senhores LUIZ BERTACIN, Gerente do Departamento dos Serviços Técnicos, Sr. HUGO DIAS DE ANDRADE FILHO, Supervisor—Secção de operações do Departamento de Serviços Técnicos e o SR. NOEL LOBO GUIMARÃES, Diretor Presidente da Âncora Comercial S/A., em Curitiba.

Os visitantes vieram a Curitiba por diversos motivos, sendo que um dos principais foi, sem dúvida, observar como se desenvolve, na Escola Técnica de Curitiba, o ensino técnico em Mecânica de automóveis.

Tratando-se de industriais de fábrica de automóveis e cujo curso é lecionado na E. T. C., embora estejam ainda as secções em fase de melhoramento, a visita foi muito valiosa.

Neste feliz contacto, pôde o professor do curso, Sr. GERT GREGER trocar idéias, e entrar em detalhes de fabricação, a fim de conhecer das técnicas que estão sendo empregadas na indústria automobilística.

Nesta ocasião foram apresentadas diversas sugestões ao professor Chefe do Curso, entre as quais

intensificar o ensino das técnicas de preferência aos modelos de últimos tipos de carros.

O Sr. Gerente colocou-se inteiramente à disposição da Escola no caso de conseguir da fábrica projetos e folhetos ilustrados informativos, podendo ainda, para fins de complemento, conseguir algo necessário para o ensino das técnicas modernas. Sugeriu ainda o Sr. Gerente que se ampliasse o curso de Mecânica de automóveis em cursos noturnos, a fim de preparar maior número de elementos especializados.

“Há grande necessidade de pessoas habilitadas para gerenciar departamentos técnicos.

A falta de elementos capacitados fazem crer na necessidade de algumas fábricas recorrerem à preparação de técnicos dentro do próprio local o que torna deveras dispendioso.

O ideal seria recebermos anualmente o elemento vindo das Escolas Técnicas, devidamente preparado a exercer as funções de técnicos. Sabemos que a reforma do ensino industrial está baseado neste caráter.

O suprimento desta falta irá concorrer não só para o crescente aumento de produção, como de produtos mais apurados ao consumidor exigente”.

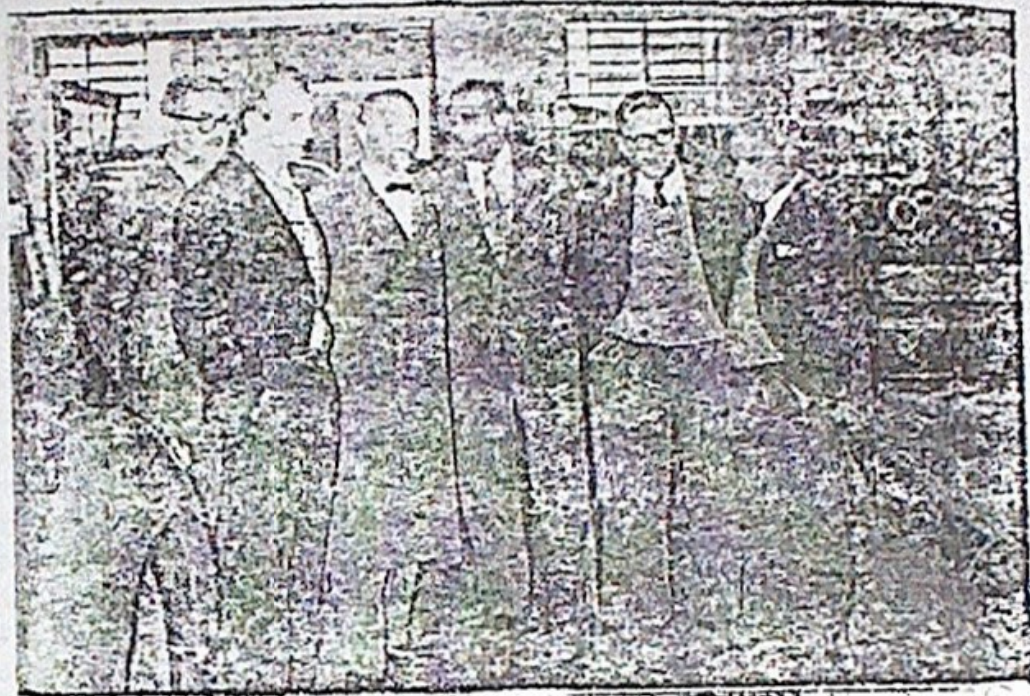
Planejamento de Cursos de Aperfeiçoamento em S. Paulo

O Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores teve a satisfação de receber a visita do Diretor do Departamento de Ensino Profissional do Estado de São Paulo, Dr. Paulo Guaracy Silveira, acompanhado de professores do magistério industrial.

Na Escola Técnica de Curitiba, sede do Centro, foram recebidos pelo Diretor Executivo, Dr. Lauro Wilhelm, que tomou imediatamente todas as providências necessárias a fim de ensejar à Comissão de planejamentos de cursos a solução dos problemas que estão a merecer atenção de todos os que desejam dias melhores ao Ensino Industrial do Brasil.

Durante a estada na E. T. C., visitaram todas as dependências, acompanhados pelo Diretor do Estabelecimento, que, dada a sua satisfação, em cada oficina procurou esclarecer as técnicas utilizadas, e dos cursos que elas mantêm.

Com referência aos programas e métodos empregados, resolveu o Senhor Diretor convidar os professores



O grupo de visitantes acompanhado do Sr. Diretor Executivo durante a breve permanência na E. T. C.



Aspecto do almoço oferecido pelo Sr. Diretor na seção de Economia Doméstica da Escola Técnica de Curitiba.

do Centro e Técnicos americanos para uma reunião, dando com essa oportunidade motivos para serem discutidos todos os assuntos que dizem respeito à organização dos Cursos a serem ministrados aos professores do Ensino profissional de S. Paulo.

O interesse despertado pelos professores se fez sentir desde as primeiras horas, com a preparação de trabalhos a serem aplicados nos referidos cursos.

A data da realização, local e o número de aulas foram acertados com os professores das diversas disciplinas em questão.

A expectativa foi correspondida à altura dos interesses das indústrias Paulistas.

O comprovante dos resultados está patenteado na Moção que os participantes enviaram ao Exmo. Sr. Governador do Estado de S. Paulo, o que já foi publicado em Boletim anterior.

É para nós motivo de satisfação publicarmos assuntos que representam verdadeiramente o progresso industrial do Brasil.

Cabe-nos uma ponta de orgulho, acompanhado dos nossos parabéns a todos os cidadãos que participaram desses valiosos cursos.

O Valor da Recreação Orientada

PROF. NUBAR V. SALIBIAN

Assim como o trabalho, o amor e a religião, a recreação, desde os períodos remotos, tem sido uma forma de atividade humana, na verdade, somente agora está desempenhando um papel mais importante na vida do próprio indivíduo e da comunidade. Como veículo de recuperação aos desgastes físicos e mentais, vem-se difundido em grau sem precedentes nestas últimas décadas — a prática da recreação orientada — em suas mais variadas espécies. Agora, precisamente, todos os setores de trabalho quer técnico, mental, científico, industrial, atingem um alto grau de desenvolvimento. Quando o homem esquece de si mesmo e personaliza os engenhos estratosféricos, percebe que a recreação é uma necessidade fundamental à humanidade, contribuinte direta para sua felicidade.

A recreação está ao alcance de todos. Não se confina a determinados grupos ou indivíduos. É privilégio e direito de todos, regida pelo princípio da democracia. Faz-se aquilo que se gosta, aquilo que se quer fazer. Tanto o patrão como o empregado devem servir-se dela; o general e o soldado, o mestre e o aluno, o sacerdote e os fiéis, velhos e moços, homens e mulheres.

A tensão a que estamos submetidos, especialmente nos grandes centros, devido à agitação constante, ruídos, desgaste excessivo das nossas forças etc., somente será aliviada nas pessoas que tenham ocasião de repousar e de fazer com que suas mentes escapem da rotina diária e que se dediquem plenamente a alguma forma de recreação satisfatória. Só assim poderão contrabalançar os efeitos das condições anormais em que estão vivendo.

As populações de países mais evoluídos têm dedicado excepcionais atenções a esse problema, concedendo verbas vultosas para auxiliar o desenvolvimento da recreação dirigida. As buscas pelas oportunidades de recreação estão tão generalizadas que a população norte-americana gastou só no ano de 1960 vários bilhões de dólares com as mesmas. Os comitês lá existentes, em número elevado, reali-

zam freqüentemente nos centros e nos bairros o "dia de recreio", verdadeiras festas para a petizada daquele país. À moda das nossas feiras semanais ambulantes, ruas são impedidas ao tráfego de veículos e ali se realizam os recreios, aos quais afluem milhares de crianças de todas as idades. Atividades de toda natureza são praticadas. Desde rabiscos de pequeninas criancinhas, até ensaios de orquestras juvenis, passando por teatrinhos de fantoches, gravações, modelismos, pequenos jogos e outros. Interessante é o fato de serem os policiais de folga os que se oferecem para colaborar com os mestres da recreação, dando provas de bons instrutores, educando e orientando os menores, esquecendo suas atribuições de polícias para se tornarem paternais orientadores. Como consequência, constataram-se que nos arredores ao local do recreio, grande porcentagem de casos de delinqüência havia baixado.

A principal ocupação do menino durante as horas de lazer é o jogo. O menino adquire o crescimento e a experiência por meio dos exercícios e do jogo, que é, para ele, o assunto mais importante da vida. É a forma que adota a natureza para proporcionar escapes ao grande impulso biológico para a atividade. Quando o menino se entrega ao jogo, executa uma grande variedade de coisas, com uma concentração completa. Não menos importante para os adultos, é o jogo esportivo: A função do jogo consiste em equilibrar a vida em relação com o trabalho, em apresentar um contraste agradável à responsabilidade e à rotina, em conservar vivo o espírito de aventura e o senso da proporção, que impede que se torne demasiado a sério a própria vida e o próprio trabalho, prevenindo assim a morte prematura da juventude e freqüentemente a morte do homem mesmo".

Nas escolas industriais e técnicas, a recreação representa um fator sumamente importante. As atuais condições de trabalho e estudos, devidas aos engenhos tecnológicos, o desenvolvimento da ma-

Palestras proferidas aos alunos do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professôres

Dentro do programa de atividades educativas programadas pelo Centro de Pesquisas e Treinamento de Professôres, foram incluídas palestras versando sobre assuntos que dizem respeito ao perfeito desenvolvimento dos alunos dos diversos cursos, atendendo desta forma o desejo de tantos, no tocante à formação de professores das escolas da rede de Ensino Industrial.

Os professores e técnicos do Centro, preocupados com a preparação dos seus alunos, convidaram o professor Lydio Scardini, chefe da cadeira de Matemática da E. T. C. e do Serviço Educacional do Estado do Paraná, para este mister de grande significação complementar.

Por se tratar o assunto de interesse geral dos cursistas, e a pessoa indicada ser portadora de todas as credenciais para o desempenho satisfatório desta função educativa, não poderia ter melhor repercussão.

Grande número de alunos afluíram para as primeiras palestras pronunciadas pelo referido professor.

Para dar um sentido amplo e informativo, passaremos a transcrever os temas, que são os seguintes:

- I — O PROFESSOR E O ALUNO.
- II — A EDUCAÇÃO E O ENSINO.
- III — ASPECTOS EDUCACIONAIS DA ATUALIDADE.

Outras palestras serão ainda feitas no decorrer deste ano, sobre outros temas que estão ligados perfeitamente ao ensino, a fim de aprimorar

quinária eminentemente automática e a especialização do trabalho, exige menos, agora, da energia física, é verdade, mas em compensação a tensão nervosa é maior. Após um dia inteiro de estudos e trabalho a maior fadiga está no sistema nervoso e não no músculo. Eis a razão por que se deve proporcionar nessas escolas toda sorte de atividades

cada vez mais o emprego de certos conhecimentos em prol do desenvolvimento do ensino ministrado pelo Centro, aos futuros homens do magistério industrial.

Dentro de cada um dos tópicos mencionados, procurou o professor Lydio Scardini esclarecer situações de afinidade perfeita nos moldes do ensino moderno, mostrando, por meio de exemplos dignificantes, as maneiras de contacto do professor e o aluno e da obtenção de resultados que poderão advir, quando o professor está devidamente habilitado ao exercício desta função tão importante.

Efetivamente, estamos vivendo dias em que não se admite mais que um professor tenha somente conhecimentos de sua matéria sem ter maneiras corretas de transmitir, dando aos alunos satisfação em recebê-la, e segurança do assunto ministrado.

A respeito da educação e o ensino, teve o professor o carinho de demonstrar a correlação existente entre ambos, e dos fatores primordiais que deve possuir o professor para seu perfeito equilíbrio.

Com a palestra proferida sobre o assunto "Aspectos Educacionais da Atualidade", o professor Lydio Scardini completou a série dessas palestras, concluindo com este assunto as razões expostas nas palestras anteriores, onde o professor pôde dizer o porquê da necessidade de uma formação apurada nos requintes da educação moderna aos futuros professores do Ensino Industrial do Brasil.

recreativas, regulamentares excursões periódicas e adotar os imprescindíveis "dias de recreio". Só assim estaremos fornecendo aos nossos meninos os meios de ampliar as esferas afetivas, volitivas, intelectuais e os sentimentos sociais e emotivos, prevenindo, ao mesmo tempo, os perigos da delinquência, vícios e neuroses.

Economia Doméstica

Prof.^a Maria Amélia Pinto

A evolução da cultura humana do povo e os dispositivos da Constituição Federal Brasileira trouxeram conseqüentemente desde há muitos anos a ampliação no campo de atividades do elemento feminino.

Mas, se atentarmos para as louváveis atuações desse elemento no magistério, ou em outros cargos de grande responsabilidade, notamos que a preocupação dos nossos legisladores não foi outra senão elevar o valor da mulher brasileira, aproveitando as suas aptidões aliadas ao grau de cultura para de-

Não se tem somente em conta a Economia como despesa, mas a educação e os princípios exigidos para a conservação da saúde.

A alimentação não se resume tão somente em ingerir alimentos, mas no valor que representam para o organismo humano.

Os açúcares, farináceos, gorduras, proteínas, vitaminas e sais minerais são sem dúvida de indispensáveis conhecimentos de um boa dona de casa.

Hoje, têm-se presente as reações alimentares, a alimentação das crianças e dos recém-nascidos.

A mulher aprende a conhecer o valor do dinheiro e a sua prudente aplicação.



Flagrante de uma aula de Economia Doméstica ministrada pela Prof.^a Maria Amélia Pinto.

terminadas ocupações muitas vezes de grande destaque.

Sejam quais forem as atuações do elemento feminino, na Medicina, na Odontologia, Comércio, magistério, nas Ciências, etc., não devemos desprezar os conhecimentos necessários da missão sublime, árdua e divina que são os trabalhos do LAR.

É necessário, para bem administrar um lar, ter conhecimentos de Economia Doméstica, os quais lhe darão qualidades e possibilidades para o governo da casa.

No ensino da Economia Doméstica, geralmente inicia-se pela Higiene, preocupando-nos com os utensílios exigidos e com o modo de exercê-la.

Terá cuidados especiais com enfermos, sendo capaz de lhe ministrar os primeiros cuidados, em caso de acidente; mais gosto e habilidades para os arranjos da casa.

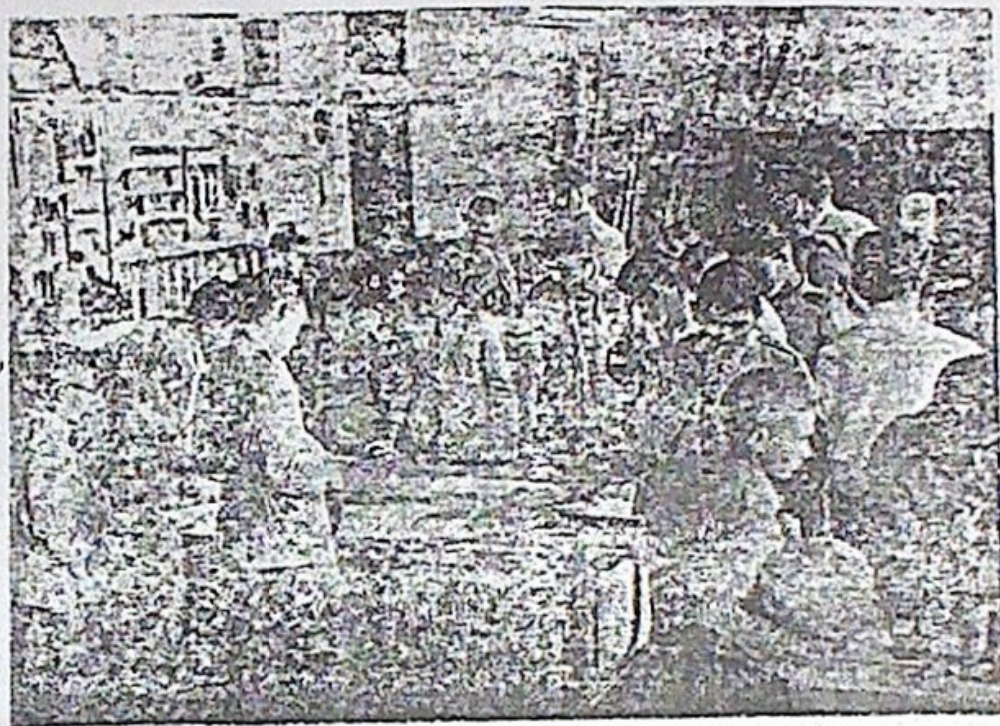
Cuida-se com especial carinho de Corte, Costura e Bordados.

Tudo isto não se faz por intuição, mas sob bases especiais e obedecendo a um critério, pré-estabelecido e sob orientação de professoras especializadas.

Daí a utilidade dos cursos de Economia Doméstica e a feliz idéia de sua manutenção nos estabelecimentos de ensino do nosso País.

Colégio Militar de Curitiba em visita à E. T. C.

Os trabalhos da secção de Artes Industriais despertaram grande interêsse nos alunos.



O Colégio Militar de Curitiba, representado pelo seu subdiretor, esteve, em meados do mês de agosto, na Escola Técnica de Curitiba, a fim de entrar em contacto com o Diretor executivo, sobre a possibilidade de uma futura visita, acompanhado de seus educandos.

Depois do entendimento, deu-nos a satisfação de, acompanhado do Orientador educacional do Colégio, outros oficiais e 88 alunos, conhecerem como se desenvolve o ensino técnico e das publicações de livros da CBAI, contendo matérias de interêsse para o Colégio.

Em virtude do número elevado de alunos, o grupo foi dividido em quatro turmas, a fim de que eles pudessem aproveitar o máximo as informações fornecidas pelos professores de oficinas.

A tarde do mesmo dia assistiram a um trabalho de fundição de alumínio.

As secções de Artes Industriais foi uma das que mereceram especial interesse para os alunos visitantes.

Na secção de Auxílios áudio-visuais, o professor teve a satisfação de proceder a uma demonstração de aula, para salientar a utilidade dos auxílios visuais no emprêgo das técnicas modernas.

Sentimo-nos verdadeiramente honrados com essa visita e esperamos que algo útil tenham conseguido os futuros oficiais das forças armadas do Brasil.

Como o vento e as nùvens que trazem chuvas, assim é o homem que se gloria e não cumpre suas promessas.

O caminho do homem perverso é um caminho desviado, mas quando o homem é puro, são retas as suas obras.

Não te glories pelo dia de amanhã, pois não sabes o que dará de si o dia seguinte.

influência da Igreja

Personalidades de relêvo do Ponto IV em Curitiba

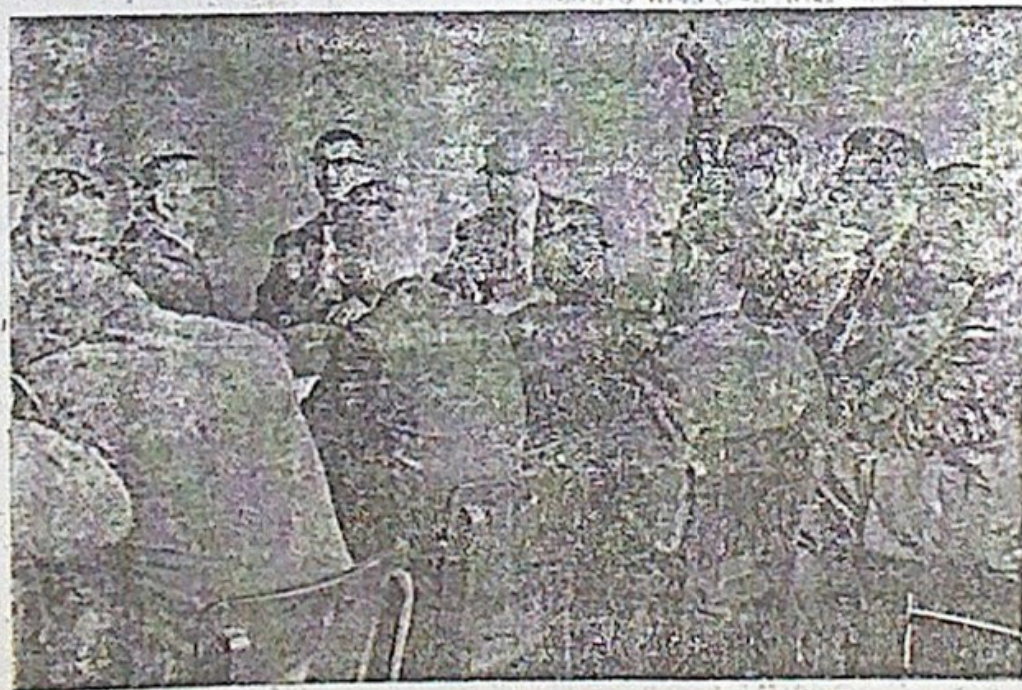
Cabe-nos a satisfação de registrar no BOLETIM da CBAI a visita, em 11 de agosto deste, ao Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, do Diretor da Educação para a América Latina, do Ponto IV, em Washington D. C. o Dr. Edward Berman, acompanhado do Dr. Arthur F. Byrnes, Chefe da Delegação Americana C. B. A. I. — Rio).

A sua visita não teve caráter oficial, porquanto o Dr. Edward Berman estava de passagem pelo Brasil rumo ao Chile, onde deveria tratar assuntos concernentes a um projeto de colaboração educacional naquele País.

Entretanto, sentindo o desejo de rever o Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores da CBAI, o qual considera um dos pontos altos do Ensino Industrial em franco desenvolvimento no Brasil, aproveitou a oportunidade para uma visita, aliás muito proveitosa ao Centro, devido à sua larga experiência em assuntos dessa natureza.



Lembrança gentilmente cedida ao Boletim da CBAI pelos ilustres
— visitantes. —



Aspecto da reunião com os diretores, técnicos e professores
— da CBAI. —

Durante a reunião na ETC com os Diretores, técnicos americanos e coordenadores do Centro, Mr. Berman teceu algumas considerações sobre o funcionamento, e, depois de responder a todas as indagações, relatou, em breves palavras, os futuros planos em estudos no sentido evolutivo das técnicas industriais.

Nessa oportunidade, salientou o desejo de deixar bem claro a diferença que sentiu no progresso havido nos últimos anos no Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores.

Entre outras palavras disse: "Confiamos na alta compreensão de todos os que estão empenhados nessa empreitada, constituída de pessoas capacitadas, e dotadas de longo alcance na solução dos problemas industriais".

"Confiamos no apoio dos órgãos federais e estaduais no sentido de estimular e incentivar esses jovens no prosseguimento da luta pelo saber".

"Só assim poderemos satisfazer os nossos desejos e das indústrias, na formação de número suficiente de elementos capacitados dentro das técnicas modernas".

DIVAGAÇÕES LINGÜÍSTICAS

QUARTO — OESTE — SUL — GALOCHA — GUANABARA — PARANAGUÁ — "QUANDO" CONJUNÇÃO CAUSAL —
 SENATORIA — "LONGE" COMO SUBST. E COMO ADJETIVO — ORANGOTANGO — CANGURU —
 MAL-ESTAR — BEM-ESTAR — PELO, PELO E PÉLO — NORTE — AGUIÃO

R. F. MANSUR GUÉRIOS

A palavra *quarto*, substantivo, com o sentido de "compartimento" ou "compartimento de dormir" tem origem na divisão de uma casa tradicional, modesta, em quatro partes — sala de visita, sala de refeição, cozinha e dormitório. Mais tarde, por necessidade, aumento do lar, ou, mais precisamente, da necessidade de mais compartimentos para dormir, aplicou-se a denominação *quarto* às novas divisões.

* * *

Oeste proveio do francês *ouest*, que, por sua vez, é empréstimo do anglo-saxão *west*. O anglo-saxão é cognato, pré-históricamente, do lat. *vesper* e do grego *hespéra*, "tarde, lado da tarde", "estrêla da tarde" (cp. *estrêla vespertina*, "Vênus"), donde "ocidente".

Expressões sinonímicas: *ocidente*, *ocaso*, *ponente* (tôdas do âmbito erudito). O primeiro é o lat. *occidens*, *occidentis*, isto é, *sol occidens*, "sol que cai". O segundo é o lat. *occasus*, corradical do anterior, do verbo *occidere* "cair". O terceiro *ponente*, é cognato do verbo *pônere*, "pôr" (cf. *pôr do sol*, *sol poente*). Formas populares: *poente*, *ociente* (com síncope do *d* intervocálico). O poente era também chamado *travessia*, porque daí provém o vento travessão, isto é, contrário à navegação (dos portugueses).

* * *

Sul, já documentado em port. no século 15, na carta de Pero Vaz Caminha, provém do francês. Neste idioma houve duas formas — *sud* e *su* (a primeira ainda existe). O ele do português, segundo explica razoavelmente J. Corominas ("Dic. Crítico Etím. de la Lengua Castellana"), provém do influxo *suleste*, *suloeste*, formas dotadas do artigo no francês — *su l'est*, *su l'ouest*, isto é, deduziu-se a forma *sul* como se os vocábulos fôsem *sul este*, *sul oeste*.

Esse autor fala ainda de uma forma portuguesa *su*, que alternava com *sul*, certamente baseado em *sueste*.

J. Pedro Machado, no "Dic. Etím. da Língua Portuguesa", apresenta data bem mais antiga, ano de 1128, em documento latino-barbárico, porém, sob o aspecto *sur* (com erre): "Insuper etiam villam sancti Petri de sur..." Talvez seja espanholismo ou, então, modificação espontânea da pronúncia *sul*.

Remotamente, *sul* parece corradical do lat. *sol*, "sol".

Há um problema a resolver na origem de *sul*; diz respeito à pronúncia do *u* do francês para português.

Na zona moçarábica (sul de Portugal) usava-se antigamente a designação *alcouço*, para *sul*, de origem árabe.

Outros sinônimos de *sul*, no português antigo, são *ábrego* e *vendaval*. *Ábrego* era referente a vento — *vento ábrego* — isto é, "vento áfrico, da África" (que se acha ao sul da Península Ibérica). *Vendaval* era propriamente "vento do sul", se bem que na França, de onde proveio, designa o vento do oeste, pois as terras baixas dêsse país se acham ao poente. É composto de *vent d'aval*, "vento de baixo".

Hoje, *vendaval* é "vento tempestuoso, temporal", principalmente no mar.

* * *

Galocha é, conforme o dicionário de Moraes, "espécie de chinela, que se calça por cima do sapato, para êste se não repassar de umidade". Segundo esta averbação, é de provável introdução no português do século 18, pois a 2.^a edição é de 1813. Pode ter vindo diretamente do francês *galoche* ou indiretamente pelo espanhol, como admite o lexicógrafo J. Corominas.

Definição do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa": "espécie de calçado de borra-

cha que se põe por cima das botas ou sapatos, para os preservar da umidade".

A galocha, feita de borracha ou de gutapercha, é relativamente recente. Outrora era de couro e sola de madeira, como o tamanco.

* * *

Guanabara é um topônimo de origem tupi. Para Teodoro Sampaio era antigamente *Guanabarã*, e composto de *goanã-pará*, "o lagamar", "a baía".

Há quem veja aí o mesmo topônimo *Paranaguá* com os elementos trocados: "mar" (*paraná* ou *paraná*) e "enseada" (*guá* ou *iguãa*). Mas a forma *barã* de Guanabara (melhor: *mbarã*) "mar" parece própria do dialeto carijó (guarani).

* * *

A conjunção temporal *quando* passa a ter sentido causal nos argumentos "a fortiori", como na trova: "O sol prometeu à lua / uma fita de mil côres; / quando o sol promete prendas, / que fará quem tem amôres?". Isto é, "visto que o sol promete prendas,..."

* * *

Senatório é adjetivo, e quer dizer "relativo ao senado". *Senatoria* é substantivo, e significa "mandato de senador". É errada a pronúncia *senatória*, mas correta como adjetivo. *Cenatório*, *cenatória* é adjetivo, e significa "relativo à ceia".

* * *

Além de advérbio, *longe* é substantivo, mais usualmente no plural, com o sentido de "vestígios, sinais longínquos, aparências". *Acho nela uns longes de ambição*. Pode ter o sentido de "suspeitas": *Tenho meus longes de que ele não virá*.

Há um exemplo de Sá de Miranda com o sentido de "regiões longínquas": *Que longes tão formosos, que almenaras mostravas*.

Como adjetivo, quase sempre no plural, com o sentido de "longínquos", antepõe-se a *terras* ou expressões equivalentes: *Visitei longes terras e longes mares*. Há um exemplo de Machado de Assis: *longes sertões*.

* * *

Orangotango e *canguru* são dois nomes errados aplicados a animais. O primeiro é de procedência malaia e se traduz "homem (*orang*) da floresta (*utang*)". Tal designação era dada (ou ainda é) pelos malaios a certas tribos montanhesas de Samatra e Borneo.

Nessa língua não se faz distinção numérica, de modo que *orang utang* também é plural — "homens da floresta".

Talvez por jocosidade ou mesmo por engano, o que é mais provável, os holandeses, senhores de terras malaias, atribuíram a denominação a um macaco de grande porte ("*Simia satyra* L."), chamado *mias* pelos naturais. Tal fato se deu no século 17.

Em 1770, o capitão inglês James Cook chegou a Queensland, Austrália, tendo nessa ocasião ficado surpreso com um animal, o canguru. Perguntando o nome aos naturais, não lhe responderam senão "kangurú", mas queria dizer mais ou menos "não o entendo, não sei o que diz", e o capitão achou que tal era a designação do marsupial. E dos ingleses *kangaroo* passou para as demais línguas.

Os australianos, indígenas, têm dois nomes para esse animal: *wallaby*, para a espécie menor, e *wallaroo* para a maior.

* * *

Não é *mau-estar*, porém *mal-estar* "situação incômoda ou molesta; indisposição física ou moral". O antônimo é *bem-estar*, "posse de mais do que o suficiente para viver; vida cômoda, sossegada".

* * *

Pelo é combinação da antiga preposição *per* com o artigo arcaico *lo*, mediante assimilação *per lo* — *pellô* — *pelo*. No feminino *pela*, no plural *pelos*, *pelas*.

Pelo é também a combinação de *per* com o pronome demonstrativo arcaico *lo*.

Pêlo, com circunflexo, é substantivo: "fio da pele, etc.

Pélo, com acento agudo, é a 1.^a pessoa do presente do indicativo do verbo *pelar*: "tirar a pele" e "tirar o pêlo".

Embora *pelo* (preposição e artigo ou pronome) tenha o *e* tônico fechado, normalmente é átono.

* * *

Norte, um dos pontos cardeais, provém diretamente do francês arcaico *north*, documentado aí já no século 12, e pronunciado como o português atual. O francês o recebeu do anglo-saxão *north* (ingl. *north*), graças às relações marítimas entre a França e a Inglaterra. Hoje o francês possui *nord*, variante gráfica de *north*.

(Continua na pág. seguinte)

AUXÍLIOS ÁUDIO-VISUAIS

Prof. Roberto Rosenstein

Aos visitantes do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, instalado na Escola Técnica de Curitiba, é dada a oportunidade de conhecer o Departamento de Produção de Material Didático, com a seção anexa de Auxílios Audio-Visuais. Frequentemente encontram-se opiniões divergentes a este último.

Definindo melhor, Auxílio Audio-Visual nada mais é do que um meio de comunicação que apela para dois sentidos ao mesmo tempo, o da visão e o da audição.

Qualquer figura, ilustração, cartaz, gráfico, modelo ou outro auxílio que apela para o sentido da visão, deve ser classificado como auxílio visual que na mão do professor hábil, torna-se auxílio áudio-visual porque exige do aluno utilizar os dois sentidos no mesmo tempo. São, portanto, auxílios de aprendizagem.

Num curso de auxílios visuais nada mais se deseja, nos objetivos gerais, do que familiarizar os professores com os valores dos auxílios visuais. Devem os professores conhecer os diversos tipos de auxílios, devem eles saber usá-los adequadamente e ainda, se for o caso, eles mesmos devem saber prepará-los.

Usamos a palavra professor, mas este termo pode ser substituído por conferencista, assistente social, líder de reunião, extensionista, etc., porque todos eles encontram o mesmo problema: o da comunicação.

Não se sabe, com segurança, o sentido primitivo desse termo. Comparam-no com o umbro (língua itálica) *nertru*, "esquerdo", visto que o norte fica à esquerda, quando se encara o oriente. Parece que tal se confirma, uma vez que se encontra paralelo entre os semitas, que, na determinação dos pontos cardiais, olham para o sol nascente, e daí "a esquerda ou a mão esquerda" é o norte, como, por outro lado, "a direita ou a mão direita" é o sul.

Há outra explicação, isto é, *norte* primitivamente significava "rochedo". Apóia-se tal hipótese na designação "norte" dada pelos marinheiros alemães às costas rochosas da Noruega.

Neste problema de comunicação, todos têm que enfrentar um obstáculo entre eles próprios e aqueles que vão receber as comunicações, os ensinamentos, os conceitos novos. Este obstáculo, que é de origem diversa, porque somos vítimas do ambiente em que vivemos, tem que ser vencido, quando desejamos a aprendizagem.

E qual é o professor que não tem esse desejo ou, digo melhor, esta obrigação? A arte está em saber como conseguí-lo. O caminho mais curto e mais seguro encontra-se nos auxílios visuais.

Se nós, professores, nos convenceremos do fato de que os nossos conhecimentos adquiridos dependeram de 85% do sentido da visão, não perderemos oportunidade, nas nossas tarefas de ensinar, de usar meios para que o nosso aluno veja algo e principalmente quando este assunto é novo.

Presume-se que a maioria dos professores utilizam unicamente o quadro negro para visualizar conceitos a comunicar.

E se não tiver o quadro negro naquele momento? Estariam num beco sem saída? É muito curioso recolher essas opiniões diferentes todos os anos, ao começar o novo curso de Treinamento de Professores, perguntando se podem imaginar um professor ensinando sem quadro negro. Descobre-se de imediato, se ouvirem falar algo sobre auxílios-visuais ou se estão seguindo rumo sem meta e sem norma.

Nos próximos números do BOLETIM este assunto será apresentado em etapas de trabalho de acordo com as necessidades julgadas necessárias.

Em português, *norte* se acha documentado, conforme J. Pedro Machado, no século 14, em 1499. "Não consegui, diz esse etimologista, não consegui ainda abonação para esta palavra anterior a 1499"; "deve ser, porém, mais antigo".

No português genuíno, mas arcaico, dizia-se *aguão*, por sua vez do latim *aquilone*, "vento do norte", "norte", já documentado em 1208, segundo J. P. Machado.

Aquilão e *Aquilo* são sinônimos, expressões poéticas. *Aquilo* corresponde ao nominativo latino, e *aquilão* é forma semi-erudita, baseada no latim *aquilonem* e no português arcaico *aguão*.

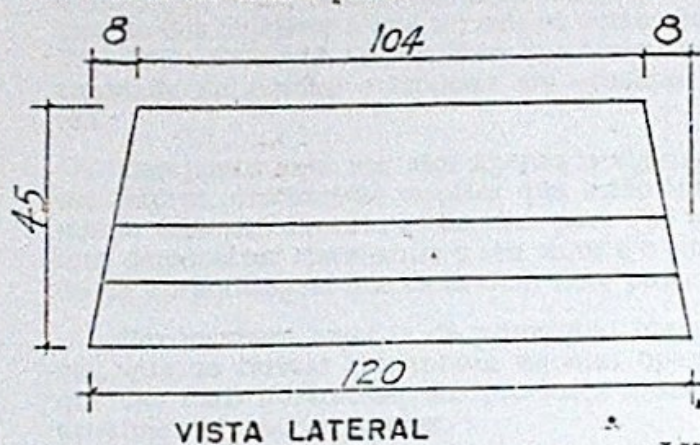
Tarefas, fator de relevante importância em Artes Industriais

LYCIO ESMANHOTO — professor de Artes Industriais — CBAI.

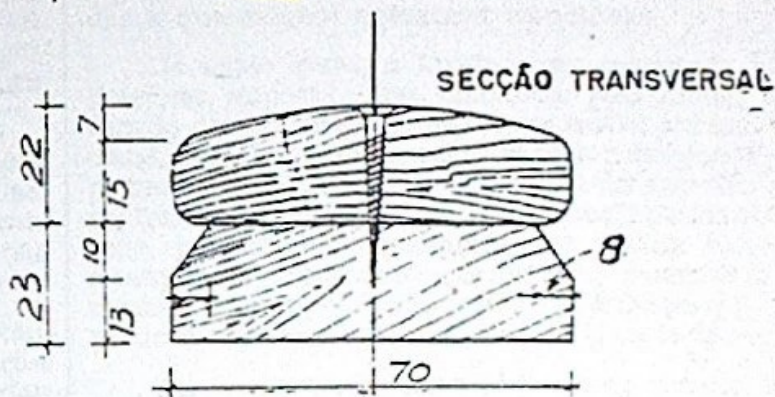
Damos início, neste número, à publicação de uma série de sugestões para os trabalhos a serem executados pelos alunos, nas oficinas de ARTES INDUSTRIAIS que, muito em breve, estarão funcionando em todo o país.

Preliminarmente, necessário se torna lembrarmos os principais objetivos de ARTES INDUSTRIAIS, os quais tivemos oportunidade de estudar em nosso artigo anterior ("Artes Industriais" — Boletim CBAI — Maio 1961), que são:

1. — Descobrir as aptidões e interesses pessoais.

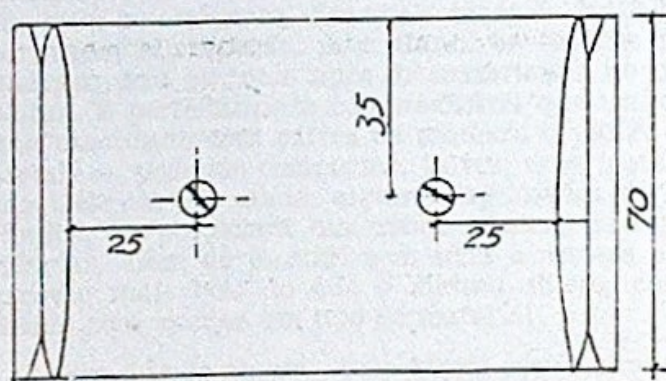


VISTA LATERAL

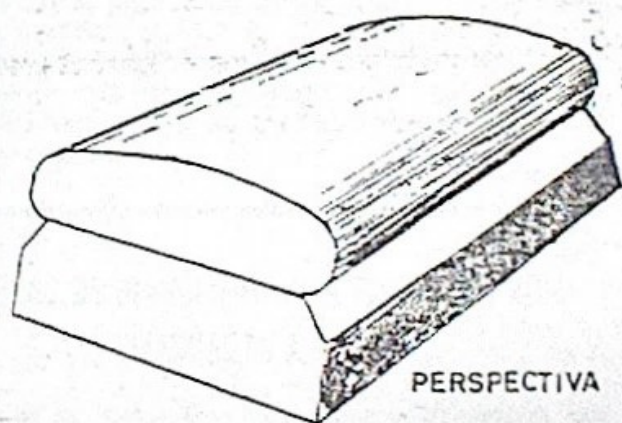


SECÇÃO TRANSVERSAL

LIXADOR MANUAL



VISTA DE CIMA



PERSPECTIVA

OPERAÇÕES

- 1) Cortar do estoque o material necessário.
- 2) Aplainar e esquadrear as peças.
- 3) Marcar e aplainar nas formas determinadas.
- 4) Marcar os furos.
- 5) Furar e escarear.
- 6) Lixar as peças.

- 7) Juntá-las com parafusos.
- 8) Marcar e cortar as extremidades.
- 9) Aplainar e lixar os topos.
- 10) Dar acabamento.

FERRAMENTAS

- a) Lápis, esquadro e régua.
- b) Serrote de costa.
- c) Serra traçadeira.

d) Plaina.

e) Plaina de topejar.

f) Arco de pua, brocas e escareador.

g) Chave de fenda.

h) Lixas e pincel.

MATERIAL

- 1) Madeira de pinho: 2 de 1" x 3" x 5 1/2"
- 2) Parafusos: 2 de 1 1/2" x 7
- 3) Esmalte sintético.

"Esta primeira sugestão é de fácil execução, exigindo apenas algumas operações elementares; poderá ser utilizada como primeiro trabalho do ano letivo (1.ª série) no setor de TRABALHOS EM MADEIRA. É boa norma recomendar aos alunos que, durante a execução de uma tarefa, vão já pensando na seguinte.

- 2 — Dar conhecimento dos principais processos industriais.
- 3 — Desenvolver as habilidades mais úteis.

O presente artigo objetiva, principalmente, enfatizar a necessidade de atendermos a estes três objetivos, quando escolhermos as tarefas a serem executadas.

No desenvolvimento dos programas para tais oficinas, diversos fatores influirão na perfeita realização dos objetivos a que servem os cursos de ARTES INDUSTRIAIS, fatores esses que teremos oportunidade de estudar e analisar em ocasiões futuras.

Desejamos aqui nos ater apenas a alguns desses fatores, unicamente aqueles que estão intimamente relacionados com as tarefas, para que possamos demonstrar claramente o seu valor e o conteúdo de aprendizagem que cada uma deve possuir.

Em primeiro lugar, é de primordial importância, que as tarefas contenham aquelas operações que são mais ilustrativas dos processos industriais atualmente mais utilizados.

Dá a conveniência, necessidade mesmo, do sistema adotado para as oficinas de ARTES INDUSTRIAIS, qual seja o de "oficinas gerais". Reunindo, num só ambiente, diversos setores de trabalho, permitem a execução, pelo aluno, de tarefas que incluam dois ou mais tipos de materiais e de trabalho. É perfeitamente compreensível que um objeto executado com partes de madeira e partes de metal, — podendo comportar, talvez, uma instalação elétrica, ou, ainda, algumas aplicações de cerâmica, — propiciará um maior número de experiências, além de possuir, com toda a certeza, um aspecto mais belo do que o mesmo objeto, construído com apenas um tipo de material.

Sem dúvida alguma, uma tarefa assim atraente e variada em suas operações, manterá o aluno muito mais interessado no trabalho, aumentará sua receptividade aos ensinamentos e orientação do professor, aprimorará o seu bom gosto, e, conseqüentemente, a tarefa será executada com maior perfeição.

Em segundo lugar, através da execução de tarefas, os alunos devem adquirir, ou se já possuírem, aprimorar as habilidades mais úteis, mais necessárias. Cotidianamente, nos deparamos com necessidades, as mais variadas, seja na conservação de objetos de nosso uso, seja na manutenção ou reparos em aparelhos e instalações, tanto em nosso ambiente doméstico como no de trabalho.

A habilidade para o atendimento dessas necessidades, não só proporciona vantagens materiais,

como também garante uma elevada dose de autoconfiança e determinação.

Finalmente, em último lugar, mas de igual importância, focalizamos o aspecto psicológico da tarefa. É fundamental, em ARTES INDUSTRIAIS, que a tarefa a ser executada, o objeto a ser construído, seja do maior interesse do aluno, em vista da fase de desenvolvimento em que ele se encontra.

O adolescente, como já mencionamos, não consegue reter o interesse em tarefas muito prolongadas e que exigem operações monótonas.

De modo geral, a tarefa a ser executada, não deve ser imposta, mas escolhida pelo aluno, em função do seu interesse e gosto pessoais; em muitos casos, especialmente quando se tratar de alunos da primeira série, se fará necessária uma sugestão do professor, se não para auxiliar na escolha mais acertada, pelo menos para aprimorar o bom gosto e orientar os interesses, permitindo, aconselhando mesmo, pequenas modificações ou variações que venham melhorar o aspecto e funcionalidade da peça.

Cabe ao professor, também, evitar que o aluno escolha uma tarefa cuja conclusão seja demorada ou demasiadamente difícil.

Nesta orientação planejada sintetiza-se uma das finalidades principais do professor que, na aquisição de valores, realiza-se com o desenvolvimento gradativo da auto-disciplina. Só na posse desta qualidade é que os alunos poderão executar com igual eficiência, tanto as tarefas agradáveis quanto as desagradáveis.

COMISSÃO DE PLANEJAMENTO DE ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE S. PAULO

O Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, com sede na Escola Técnica de Curitiba, recebeu a visita da Comissão de Planejamento de Escolas da rede estadual de S. Paulo. Um dos objetivos da visita foi a obtenção de dados sobre o Curso de Artes Industriais.

Durante a visita, mantiveram, com os professores e técnicos do Centro, informações de ordem educacional, e, nesta oportunidade, conheceram os conceitos adotados nesse setor recentemente criado, e de grande valia para o Ensino Industrial do Brasil.

Como se trata de elementos que fazem parte dos órgãos do Departamento de Ensino Profissional de S. Paulo, e dada a sua importante missão no planejamento de escolas, não poderia ter causado maior satisfação a sua visita. A Comissão estava assim constituída: Dra. Marlene Picarelli; Dr. Sílvio Breno Santos; Dr. Geraldo Vespasiano Puntoni; Dr. Arnaldo Tonissi; Prof. Antônio Fernando Simon; Prof. Benigno Lagreca.

O BOLETIM da C.B.A.I. consigna ao Departamento de Ensino Profissional de S. Paulo os votos do prosseguimento em seus propósitos altamente significativos para a Nação.